

O ukulele e o ensino remoto: possibilidades e desafios em contextos de ensino-aprendizagem diversos

GTE 14 – Ensino e aprendizagem online de instrumentos musicais

Comunicação

*Leandro Cavalcanti Silva Donato
SME- RJ/Proemus-Unirio
leandrocsdonato@gmail.com*

Resumo: Este artigo tece reflexões sobre o ensino de ukulele nos ambientes virtuais em contextos diversos. Estabelece uma relação com as características da divulgação e popularização do instrumento antes da pandemia de covid-19 e a transição para o modelo de ensino exclusivamente remoto. Narra, ainda, experiências vividas como professor de diferentes faixas etárias, tanto no ensino formal quanto informal, e como integrante da Orquestra de Ukuleles da UFRJ, com algumas estratégias práticas encontradas ao longo do período de ensino remoto de ukulele. Ao fim, traz breves reflexões sobre potencialidades e limitações do ensino por meio virtual devido ao momento pandêmico que vivemos.

Palavras-chave: Ukulele. Ensino remoto. Ensino de instrumento musical.

Algumas considerações sobre ensino remoto e a pandemia de covid-19

O ukulele é um instrumento musical que vem ganhando cada vez mais atenção dentro e fora dos ambientes de ensino de música. Sua popularização no Brasil na última década coincide com um período de grande difusão de plataformas virtuais e mídias sociais. Ressaltar estes dois fatores nos ajuda a entender o fato de o aprendizado do instrumento ter encontrado espaço bastante significativo na internet.

Há tempos a tecnologia é empregada como auxílio na autoaprendizagem musical, através de recursos como discos, fitas magnéticas como suporte para áudio e vídeo, DVDs e CD-ROMs (Gohn, 2003). Com o avanço das comunicações mediadas por computadores, assistimos à evolução das comunidades virtuais, levando parte daquela população de aprendizes a entrar em contato com seus pares e quebrando as barreiras geográficas que antes os separavam. Essa realidade possibilitou trocas de informações entre os indivíduos e participações nas aprendizagens uns dos outros, incluindo a indicação de novos repertórios para apreciação. A facilidade e o baixo custo de envio de arquivos sonoros pela Internet, compactados no formato MP3, e a recomendação de *sites* contendo materiais sobre um artista ou gênero musical foram determinantes para tornar o computador um elemento aglutinador de experiências musicais (GOHN, 2008, p.114).

Multiplicam-se, na internet, websites, páginas de Facebook, canais do Youtube, aplicativos voltados para a divulgação e o ensino-aprendizagem de ukulele. Começam a surgir, também, a partir destes espaços virtuais, eventos que reúnem pessoas com diversos níveis de envolvimento com o instrumento – os chamados *UkeDays* – em diversas partes do país. Esses eventos aconteciam, originalmente, de forma presencial. Com a crise causada pela pandemia do novo coronavírus, esse tipo de evento migrou para o ambiente virtual.

Ainda timidamente, mas com iniciativas significativas, pode-se perceber o crescimento do interesse acadêmico sobre o ukulele, especialmente em seu aspecto mais pedagógico. É o que se percebe com as dissertações de Vinícius Vivas, intitulada “O uso do ukulele na aprendizagem de acompanhamentos harmônicos no processo de musicalização: estudo de casos com alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro”¹, e de João Daniel Costa, “A utilização do Ukulele no ensino coletivo de Música: uma pesquisa-ação com uma turma de 3º ano do ensino fundamental I da rede municipal de Guarapari – ES”² e a monografia de conclusão de curso da mineira Aline Kelly, graduada na Universidade Federal de Ouro Preto, sobre transcrições para ukulele solo³.

Outro passo importante é o surgimento de orquestras de ukuleles, como a Orquestra de Ukulele da UFRJ, sob a regência de Vinícius Vivas; a Orquestra Infantil de Ukulele, organizada no sul de Minas por Thiago Luiz; a Ukulele Mogi, orquestra de ukuleles de Mogi das Cruzes, sob a direção de Fernando Novais, entre outras.

Em matéria exibida recentemente pela Band, em seu portal na Internet (Band-Uol, 28/04/2021), foi divulgada uma pesquisa realizada pela Associação Nacional da Indústria da Música, mostrando que, enquanto a venda de outros instrumentos musicais caiu em aproximadamente 20% (vinte por cento) durante a pandemia de covid-19, a procura pelo ukulele cresceu cerca de 40% (quarenta por cento) no mesmo período. Este impulso nas vendas do ukulele também vem alavancando a procura por cursos e aulas. Como mostra a

¹ VIVAS, Vinícius de Moura. *O uso do ukulele na aprendizagem de acompanhamentos harmônicos no processo de musicalização: um estudo de caso com alunos do Colégio de Aplicação do Rio de Janeiro*. 2015. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

² COSTA, João Daniel Cardoso da. *A utilização do ukulele no Ensino Coletivo de Música: uma pesquisa-ação com uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental I da Rede Municipal de Guarapari – ES*. 2017. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-graduação em Música, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

³ GUIMARÃES-SILVA, Aline Kelly. *Transcrições para ukulele solo*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Departamento de Música, Universidade Federal de Ouro Preto

reportagem, para alguns entrevistados, o ukulele tem proporcionado momentos de socialização (virtual, devido à pandemia), um importante auxílio na questão da saúde mental, que para muitos, ficou abalada com a necessidade do isolamento social.

Assim, enquanto a pandemia forçou muitos dos ambientes de ensino de instrumentos musicais a migrarem para o sistema remoto pela primeira, o ensino do ukulele já era bastante difundido nos meios virtuais, transitando entre o ensino à distância e o modelo híbrido⁴ de ensino. Talvez por já ter alguma familiaridade com esse ambiente virtual, o ensino do ukulele tenha se adaptado mais rapidamente a essa nova realidade imposta pela pandemia. Algumas plataformas de ensino de ukulele que já existiam pareceram crescer no que diz respeito à procura e outras surgiram em meio ao momento vivido. Como um exemplo marcante, podemos citar o renomado curso de formação de professores de ukulele, James Hill Ukulele Initiative (JHUI), que, mesmo antes das restrições sanitárias impostas em muitos países, migrou completamente para o ensino remoto. Este, que é o único curso no mundo com esse perfil, anteriormente funcionava no modelo híbrido.

Apesar da familiaridade do ukulele com os ambientes virtuais, a entrada repentina, forçada e não opcional das aulas no ambiente digital apresentou algumas dificuldades. A maior delas talvez tenha sido consequente do oferecimento das aulas síncronas e das limitações que as plataformas de videoconferência oferecem para uma aula de música nesta modalidade. Matos (2020) fala sobre algumas dessas questões:

É importante salientar que essas plataformas escolhidas se enquadram nos processos de adaptação descritos anteriormente. São ferramentas que, de modo geral, são projetadas para o formato de videoconferência, onde a interação se dá por meio da voz falada e com apenas uma pessoa por vez expondo suas ideias. Quando trazemos para essas plataformas ações de cunho musical, como, por exemplo, a performance instrumental e vocal e a prática coletiva (seja vocal, instrumental etc.), surgem problemas de qualidade sonora (corte ou supressão de determinadas frequências que o programa julga não serem compatíveis com um perfil de voz humana, sendo tratados, portanto, como “ruído”). Outro problema recorrente é atraso sonoro, ou *delay*, que inviabiliza a sincronidade das sonoridades emitidas por cada participante (MATOS, 2020, p. 81, 82).

Podemos somar a essas barreiras, outras relacionadas ao manejo, pelos professores, das mais diferentes ferramentas de gravação e edição de vídeo e áudio, no acesso e, mais

⁴ Modelo Híbrido é aquele composto por aulas à distância e aulas presenciais.

ainda, na qualidade da conexão de internet tanto de professores quanto de alunos e a falta de afinidade de algumas pessoas para o ambiente de ensino virtual, que antes era uma das opções e, no momento de pandemia, tornou-se a única opção.

Entendendo esse contexto, irei relatar três diferentes experiências que fazem parte de ambientes de ensino-aprendizagem diversos em que atuo de diferentes maneiras nas quais duas delas migraram do presencial para o online e outra que começa já em meio a crise do covid-19.

A Orquestra de Ukuleles da UFRJ

A Orquestra de Ukuleles da UFRJ é um projeto de extensão da instituição, que compõe outro, mais abrangente e atuante há mais tempo, o Toque e se toque⁵. A Orquestra realiza atividades próprias e em conjunto com os outros alunos do Toque e se toque. Isso possibilita aos seus integrantes terem práticas musicais com outros instrumentos além do ukulele, como, por exemplo, violão, cavaquinho, flauta, percussão e canto. A vivência proporcionada por esses encontros é de grande valia no desenvolvimento dos estudantes, dando-lhes possibilidades de práticas musicais bastante variadas.

A Orquestra de Ukuleles da UFRJ começou suas atividades no ano de 2016 no Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp UFRJ). Coordenada pelo professor Vinícius Vivas, tem ensaios semanais, que acontecem aos sábados, com duas horas de duração. Inicialmente, tinha exclusivamente músicas brasileiras em seu repertório – condição essa que, atualmente, não vigora mais, pois músicas de outros países passaram a figurar no repertório – e a partir dessas músicas eram desenvolvidas as técnicas instrumentais. Vale destacar a presença de integrantes nos mais variados estágios musicais, desde iniciantes até avançados. A elaboração dos arranjos é intencional para favorecer esta condição, tornando possível que mais pessoas se juntem ao projeto.

Os ensaios, coordenados pelo professor Vinícius Vivas, demonstram ser planejados de modo que os estudantes possam evoluir musicalmente como um todo e não apenas no quesito técnico/instrumental. Assim, estes encontros, além de servirem para aperfeiçoar o repertório e aperfeiçoar sua técnica no instrumento, também funcionam como aulas, nas quais os estudantes têm a oportunidade de aprender conceitos da linguagem musical.

⁵ Toque e se toque é um projeto de extensão da UFRJ que oferece ensino de instrumentos, como cavaquinho, violão, flauta doce, ukulele, percussão e canto, além de percepção musical e prática de conjunto.

Como já mencionado anteriormente, dentro do projeto Toque e se toque, além dos ensaios da Orquestra, os integrantes participavam, também, dos ensaios do grupo maior, conhecido como “Bandão”, junto com todos os estudantes do projeto. Esses ensaios, que geralmente eram conduzidos pela professora Maria Alice Sena – e que contava com o auxílio de estagiários licenciandos e outros professores contratados, visava trabalhar principalmente o repertório adotado pelo “Bandão”, em que todos tocam seus respectivos instrumentos e cantam.

Ingressei na Orquestra de Ukuleles da UFRJ no ano de 2018 e pude acompanhar a dinâmica do período presencial. Com a mudança imposta pela pandemia, algumas questões se apresentaram. Dentre elas, cito a diminuição de tempo de ensaio, que durava duas horas, em média, e passou a durar entre uma hora e uma hora e meia. Outro ponto de dificuldade foi o atraso no som nos encontros online quando ensaiamos o repertório. Para que não haja problemas de sincronização dos áudios, desativamos os microfones e tocamos com uma guia e o ukulele do professor. Devido à qualidade de conexão de internet de alguns dos membros não ser compatível com a demanda das plataformas de videoconferência, uma solução adotada foi a gravação das aulas e sua disponibilização após o encontro para esses integrantes. Esse recurso da gravação dos encontros permite também que as aulas/ensaios sejam revistas.

Um ganho possibilitado pelos ensaios na modalidade de ensino remoto foi a entrada de membros de outros estados no grupo. No modelo presencial, a orquestra era composta apenas por moradores do estado do Rio de Janeiro. O ingresso de novos membros resultou também na retomada do repertório antigo. Como as apresentações presenciais foram suspensas, a produção de vídeos foi adotada como alternativa a fim de não resumir a atuação da orquestra apenas aos ensaios. Essa produção proporcionou a participação da Orquestra em eventos aos quais seria difícil comparecer presencialmente.

Para as gravações dos vídeos, eram produzidas guias, em formato MIDI⁶, de cada naipe separadamente. Havia também o arquivo com todas as vozes tocadas simultaneamente. Outro recurso interessante era um tipo de “partitura animada”, um vídeo em que o áudio é acompanhado pela reprodução da partitura. Também era feito coletivamente uma espécie de roteiro para essas gravações: cenários, roupas, gestos e posicionamento de câmera eram

⁶ MIDI – *Music Instrument Digital Interface*

aspectos a serem resolvidos antes das gravações. Primeiramente os áudios eram gravados e em seguida os vídeos. A edição dos vídeos ficava por conta de um profissional contratado que seguia as orientações feitas nos roteiros elaborados.

Com o isolamento, uma tarefa que antes aconteceu mais timidamente se intensificou. A criação de arranjos em conjunto foi uma atividade bastante presente nesse período. A possibilidade da manipulação dos softwares de escrita musical em tempo real foi um ponto bastante facilitador. Este recurso permitia ouvir todas as ideias sugeridas e a partir da escuta decidir qual era o melhor resultado.

Ensino de ukulele em curso livre de música

Pude vivenciar a mudança do presencial para o remoto mais ativamente enquanto professor no projeto Toque e se toque. No ano de 2019, atendi a duas turmas iniciantes de ukulele dentro do projeto. Com a migração para o ambiente virtual em 2020, continuei com uma dessas turmas e iniciei outra, composta por um grupo de crianças por volta dos dez anos de idade. Como estas duas turmas tinham faixas etárias diferentes, procurei entender os perfis dos estudantes ao planejar as aulas.

Os encontros eram realizados através do aplicativo/*software* Zoom. A escolha por este se deu pelo maior número de ferramentas disponíveis. Além de compartilhar telas e áudios do meu dispositivo com mais facilidade, também é possível utilizar o recurso quadro branco para explanações mais específicas. Neste *software* existe, ainda, a possibilidade de configuração para que o áudio não seja suprimido nas frequências agudas.

Nas aulas com o grupo que eu acompanhava há mais tempo, uma turma mista entre adolescentes e adultos, abordamos arranjos solo para ukulele. O ambiente remoto não pareceu comprometer drasticamente o aprendizado destes estudantes, visto que, muitas vezes, não era necessário tocar em conjunto. A tática adotada era de os estudantes primeiramente tocarem junto comigo mantendo seus microfones desativados. Após esse momento, cada um tocava separadamente para que eu pudesse ouvi-los e, assim, fazer apontamentos, caso fosse necessário. Para além das aulas síncronas, eram gravados vídeos e áudios dos assuntos abordados durante os encontros e estes eram enviados por meio do aplicativo de mensagens Whats App juntamente com as partituras. No decorrer da semana os estudantes retornavam com vídeos ou áudios mostrando os resultados obtidos.

Matos (2020) fala sobre a utilização de múltiplas plataformas para viabilizar o ensino remoto e as implicações disso no trabalho docente:

Por exemplo, para as mediações em tempo real no ambiente virtual, utiliza-se um programa destinado à videoconferência de reuniões empresariais, como o Zoom; para disponibilizar os arquivos, cria-se uma pasta virtual, a partir de uma conta de e-mail pessoal; para a exposição de vídeos e áudios, utilizam-se plataformas de entretenimento, como *YouTube* e *Spotify*; para a comunicação com o grupo, são utilizados aplicativos de comunicação instantânea, como o WhatsApp. Enfim, a necessidade de adotar diferentes tipos de ferramentas para viabilizar um AVA minimamente funcional acaba impondo ao professor dedicar um tempo considerável de sua rotina para aprender a lidar com as características e limitações de cada uma das ferramentas adotadas (MATOS, 2020, p. 81).

Na turma de crianças, a abordagem era bastante diferente. Além de mais numerosa, todos eram iniciantes e os assuntos abordados eram bastante distintos dos da outra turma. Nesta turma, tocar em conjunto era algo que acontecia com mais frequência. Por se tratar de crianças iniciantes no instrumento, a cobrança era um pouco mais amena. As aulas eram mais descontraídas e com mais espaço para brincadeiras. O procedimento, de certa forma, era parecido com o que era utilizado na turma mista. O primeiro momento, em que apenas eu tocava e demonstrava os assuntos que seriam abordados na aula com todos de microfones desativados. Em seguida era pedido que cada um tocasse separadamente. Nesse sentido, as abordagens eram bem parecidas. Mas em determinado momento da aula, era pedido que todos ativassem seus microfones e todos tocássemos juntos, mesmo sabendo que o atraso dos áudios iria atrapalhar. Esta ação de tocarmos todos juntos era um momento de diversão para as crianças. Todos sabiam que daria “errado”, no entanto, mesmo assim gostavam bastante desse momento.

Outro momento que comecei a incluir nas aulas era o de pintar uma figura previamente selecionada. No final das aulas, separava alguns minutos para realizar esta atividade. Como a figura era uma surpresa, as crianças sempre ficavam na expectativa durante a aula. No aplicativo/*software* Zoom ao compartilhar a tela, algumas opções de escrita na tela são ativadas e estas opções podem ser utilizadas por todos os usuários presentes na reunião. Vale relatar que o trabalho que realizei com as crianças nesse período remoto me motivou a escrever meu projeto de mestrado.

No ano de 2021, com o projeto mencionado logo acima, ingressei no mestrado profissional da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A especificidade

dos programas de mestrado profissional é a produção de um artefato em vez de uma dissertação, como nos mestrados acadêmicos. A minha experiência com a turma de ukulele para crianças me fez perceber que não existia material em português que fosse adequado para tal faixa etária. A partir desta constatação e do material que elaborei durante esse período, comecei a pensar um método de ukulele destinado para crianças.

Estágio docente

O programa de mestrado tem me possibilitado expandir minha experiência no ensino do ukulele através da realização do estágio docente. Em conversa com meu orientador, decidimos que seria interessante realizar o estágio como meio de testagem de parte do material, naturalmente adaptado para faixa etária mais elevada, produzido para o método até então. A turma foi aberta para atender estudantes da graduação e da extensão, porém não houve inscrições de estudantes da extensão.

As aulas são divididas em síncronas e assíncronas, que acontecem alternadamente num total de quinze aulas. Nessa turma, todos são iniciantes no ukulele. As aulas são planejadas para desenvolver a técnica do ukulele para os estudantes, mas também para lhes mostrar estratégias pedagógicas utilizando o instrumento.

As plataformas utilizadas para as aulas são o *Google Classroom*, onde são hospedados os materiais (arquivos de áudio, vídeo, imagem...) e o *Google Meet* para os encontros síncronos. O *Google Meet* tem algumas limitações se comparado ao Zoom. No *Meet*, ao compartilhar a tela, não era possível ver as pessoas presentes na sala. Para resolver essa questão, eu entrava com dois dispositivos diferentes, conseguindo, assim, ver as pessoas e a janela que estava compartilhando. Para as aulas assíncronas o material é disponibilizado no *Classroom* e os estudantes têm como acessar quantas vezes forem necessárias. Vale destacar que as aulas síncronas também são gravadas. Assim, todos podem consultar posteriormente, inclusive quem não pode participar da aula ao vivo – há diversas questões que podem dificultar a presença dos estudantes na aula, o mais comum, nesse caso, sendo os problemas de conexão de internet.

Considerações Finais

Como pretendi demonstrar, o mundo do ensino-aprendizagem do ukulele apresentava uma configuração particular que permitiu uma transição menos dramática para

o ambiente do ensino exclusivamente por meio virtual. Desde antes da crise sanitária causada pela pandemia do novo coronavírus, a comunidade do ukulele já pensava em se expandir e abranger um maior número de pessoas por meio do oferecimento de opções de ambientes virtuais e de modalidade híbrida. Entretanto, vale destacar que existem questões que ainda precisam ser sanadas e que, provavelmente, levarão bastante tempo, pois tem a ver com o desenvolvimento da tecnologia, do acesso a bons equipamentos e conexão de internet.

Outra questão importante de se apontar é que o ensino de música tem especificidades que impõem certas demandas, como uma transmissão de qualidade do áudio e a diminuição da latência para que seja possível tocar sincronizadamente, e as plataformas e *softwares* que utilizamos no momento não foram construídos necessariamente para a atividade musical. Embora os professores tenham avançado no entendimento de como utilizar e combinar as ferramentas para o melhor aproveitamento possível dos estudantes, seriam necessárias plataformas criadas com o ensino de música em mente.

Penso que o ambiente virtual é uma possibilidade que deve ser explorada mesmo depois da (tão esperada) suspensão definitiva das restrições do isolamento social, pois há facilidades geradas por esse meio. Por outro lado, entendo que existem questões relativas ao ensino e a prática musical que ainda não podem ser feitas plenamente senão presencialmente. Ademais, o fator humano, do encontro, da troca entre os ukulelistas, aspecto tão importante dessa comunidade, a exemplo dos *UkeDays* e festivais, gera um grande impacto no desenvolvimento musical dos instrumentistas.

Referências

MATOS, Ronaldo Aparecido. Possibilidades de ensino remoto de música na educação básica pautadas no material Música Br. *Música na Educação Básica*, v. 10, n. 12, 2020.

GOHN, Daniel. Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 19, 113-119, mar. 2008.

SEM AUTOR. *Na pandemia, a moda agora é saber tocar ukulele*. Band-Uol, 28/04/2021. Disponível em <https://www.band.uol.com.br/noticias/na-pandemia-a-moda-agora-e-saber-tocar-ukulele-16346595> Acesso em agosto de 2021.